



O Gaiato

**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 10 de Novembro de 1984 * Ano XXI — N.º 1061 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Agora

O Senhor é bom. Criou para nós as coisas mais belas: O sol, a terra, o mar, os animais e os frutos. Mandou-nos possuir e colher.

Dominados pela ambição, abusando da Liberdade que Ele nos deu, tantas vezes procuramos possuir tudo e colher todos os frutos! Mais, em certos casos, do que bastaria para centenas de anos...

Fugimos à ordem de Deus: cada dia o seu maná.

Estragámos a beleza e o equilibrado uso dos bens...

Sementes de injustiça!

Uns têm terreno para construir uma cidade! Outros nem uma nesga para montar a tenda ou a barraca de latas!

Como julgará Deus aqueles que, esquecidos dos irmãos,

estão construindo neste mundo a sua pátria?!

A doutrina da Igreja, pela voz dos nossos Papas, sobre a distribuição dos bens e a Justiça social, é clara.

Quem tem ouvidos, oiça. Os que não querem ouvir, leiam.

Também quanta responsabilidade cabe aos senhores do mando — quando permitem as injustiças, os atropelos, o faustoso duns e a fome doutros!...

Enquanto, a nossa preciosa e eficaz, continua:

Abre, hoje, um sacerdote, capelão de aviadores, com dois cheques discretos. Não é a primeira vez; são já centenas de contos! Estou indicando a Luz em cima do alqueire. Os sacerdotes precisamos desta Luz

— para não tropeçarmos no alqueire das medições...

Logo a seguir a assinante 29864: «O Senhor é bom e faz maravilhas. Ele me deu sempre mais do que eu mereço! Por todo esse carinho que me tem, e cumprindo um propósito que fiz, envio quarenta e seis mil escudos para as telhas dos mais necessitados».

De Espinho: «Sou o assinante 31725 de O GAIATO. Vemos, eu e minha mulher, por ele, o estendal de necessidades dos nossos irmãos pobres — velhinhos, doentes... Agora, porque se aproxima o Inverno, consideramos o mais urgente — o abrigo numa casa. Por isso, juntamos trinta mil escudos para serem utilizados na construção ou reparação da casa que mais falta fizer. Que Deus vos dê forças para continuarem a obra de ajuda aos sem-casa». A obra é de todos nós; que Ele nos ajude.

E mais a assinante 24372: «É com muita alegria — e dou graças por o Senhor me dar esta possibilidade — que envio vinte e cinco mil escudos para serem aplicados no Património dos Pobres ou na Autoconstrução».

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

● Cheguei ao fim da tarde com uma grande carrada de pêras e maçãs que nos ofereceram. A fruta da nossa quinta foi pouca e não podemos passar sem ela. Foi uma festa à volta da carrinha, a descarregar!

O Rafael foi um dos primeiros a aparecer e já me não largou. Foi comigo arrumar o veículo e depois para o oratório. Aqui, aproximou-se do tronco onde está o pequenino sacário e apontou com o dedo e disse com a sua voz de anjo: — Aqui está Jesus. Respondi-lhe com um sorriso e aceno de cabeça e continuei a oração da tarde. Ele ficou de joelhos, juntinho ao sacário, e só saiu comigo para me segredar: — Quero dizer-lhe uma coisa... Fomos para a sala onde todos estavam a rezar o Terço e, no fim, o Rafael insiste: — Quero dizer-lhe uma coisa... Subimos as escadas e à porta do escritório revelou-me o seu segredo: — Deixe-me ir para a minha mãe! Gosto tanto dela!... E as lágrimas dos olhos encantadores que ele tem, embargaram-lhe a voz. Dei-lhe um

beijo com a minha alma toda e depois fomos jantar.

Os pais do Rafael vieram trazê-lo, há quatro dias. Esperaram por mim uma tarde inteira! Geraram e criaram dezasseis filhos! Tiveram um pequenino circo ambulante. Sempre a família de terra em terra. As condições de vida levaram-nos a juntar-se a outros circos e a outros grupos. Começaram a emigrar e a correr mundo. Vieram agora por causa dos filhos mais pequenos e da sua escola. Temos procurado ajudá-los a viver a sua pobreza-riqueza.

Sempre que esta família nos visita deixa em nós sinais de sabor sobrenatural: A alegria de todos! O amor de todos! A delicadeza de todos! A humildade de todos! A mãe é uma senhora-escrava-rainha. O pai é um senhor-servo-sorridente.

Por tudo isto o Rafael gosta muito de todos e abraça-me e cobre-me de beijinhos!

● Um casal ainda novo procurou-me, há dias. Os dois vinham muito amargurados. O filho único faz-lhes a vida um martírio! Uma adolescência muito mimada e pouco esclarecida levou-o a uma juventude precoce e irresponsável. Não quer estudar, não gosta dos pais, exige dinheiro, anda por fora de casa até de madrugada, já tem tentado roubar, ameaça fugir de casa; e mais e mais e mais que estes pais contaram entre lágrimas de dor!

Procurei consolá-los, dizendo que é um período mau que pode passar; que são as más companhias; que são as facilidades da vida que hoje atraem estes jovens inexperientes; que procurem acompanhá-lo mais; que continuem a dar-lhe provas de amor; que rezem a Deus.

Depois da despedida fiquei também amargurado, pois há tantos assim! Pais que só quiseram um filho. Filhos que foram criados sem hábitos de renúncia, pois tudo era do e para o menino... A amargura chocou dentro de mim com o sabor sobrenatural deixado, mais uma vez, pelos pais do Rafael!

● As imagens televisivas daquela imensa multidão de sul-africanos a aclamar o seu Bispo anglicano a quem foi atribuído o Prémio Nobel da

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.



O mais pequenino da Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal (Loures). Para o amoroso «Batatinha», em perfumado canteiro, o Padre Telmo sugere uma poética legenda «que vai abrir com as flores!» Porém, longe do segredo dos vates..., basta a eloquência da imagem — que fala por si, aos nossos Leitores.

PARTILHANDO

□ Era a hora de abrir o correio. Entrou pelo escritório dentro um pequenito que desconheço, acompanhado por um dos nossos. Depois, é uma senhora que eles vêm anunciar — por causa daquele pequeno desconhecido, de Armamar, uma aldeia onde os pais vivem e que, segundo ela afirma, «são pai e mãe alcoólicos e mandam os filhos roubar!» Trouxe o pequeno para ser adoptado por um casal sem filhos, mas foi recusado por via dos pais serem o que são. Agora, não o vou entregar novamente à miséria.

Aquela mulher chorou, chorou diante de mim! Não pela dor do sangue que os ligasse, mas por solidariedade, amor ao Próximo. Apenas a Caridade permanece por detrás de tudo!

É um pequeno de sete anos tão vivos que dão vida! Que pena os pais não terem vida para receber aquela vida, dar-lhe a ternura que merece!

Mando chamar o pequeno para o ver, não com os olhos de desconhecido. Já tinha ido para o parque, para os baloiços! Quando chega, sorri e responde com simpatia: — Gostava de brincar e de trabalhar. Quanto a Escola, sabe contar até seiscentos, escreve o seu nome ou não tivesse passado para a 2.ª classe. Mando-o escrever. Certo: Luís Filipe da Fonseca Santos. Ficou escrito assim, num papel qualquer e por suas próprias mãos, um nome com letra grande.

A nossa Casa está a ficar cheia! Este é um dos muitos casos de crianças que, tendo família, vivem como se a não tivessem. Ou melhor: para nós e para elas seria bom que a não tivessem. Havia mais sossego — interior e exterior...

Aquele pequeno voltou para a sua terra, onde a beleza das

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CURSO DE SERRALHARIA — Principiou o terceiro curso de serralharia civil — orientado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional — no qual participam, também, rapazes que não pertencem à nossa Comunidade.

O pequeno grupo vai tentar o melhor que puder, para depois lhe ser mais fácil conseguir um emprego.

Desejamos que todos colham o melhor proveito do curso, para que o futuro lhes apareça em boa época.

VISITANTES — Continuamos a receber visitas de todo o País. E nós gostamos de conviver com todos estes Amigos.

Agora, vêm muitas excursões devido às festas que se realizam no concelho: o S. Simão em Urrô e S. Martinho em Penafiel.

Venham quando os bons Amigos quiserem, pois nós «somos a Porta Aberta».

CARAS NOVAS — Chegaram mais três rapazes à nossa Comunidade: o «Calis», de 15 anos, que transitou da nossa Casa do Gaiato do Tojal; o Alfredo, de 16 anos, que veio de Oliveira de Azeméis; e o Paulo Alexandre («Patinhas»), de 7 anos, que é de Santarém.

Vamos fazer o possível para que eles sejam, amanhã, homens úteis ao nosso País. Deus os ajude!

Manuel Augusto («Chinês»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ O vicentino, portador da generosidade dos Leitores para a Cancerosa, diz que «o homem dela continua a não receber salários...» Neste capítulo devemos ser caso único na Europa! E acrescenta: «Que seria,

se não botássemos a mão àquela família!?!...»

Hoje, a doente já estava a ficar aflita, no merceiro...!

■ Durante muitos anos exerceu funções num estabelecimento oficial, até à sua extinção. Depois..., procurou ganha-pão noutra parte, enquanto pôde, em trabalhos braçais. É semi-analfabeto...

Trôpego, já mal consegue andar. Só a mulher está mais activa. — Quem me dera q'ele não estivesse assim!...

Ambos recebem a pensão da Casa do Povo, pequenina cêdea que mal dá para acompanhar (ou fazer) o caldo...!

Pois o nosso Amigo só agora veio a saber — cinco anos após a publicação de certo decreto-lei — que poderia requerer uma pensão-subsídio à Caixa Geral de Aposentações, por serviços prestados oficialmente. Acontecem muitos casos idênticos no meio rural...!

— Não importa que seja pouquinho; não importa. Q'ando ela vier, s'inda for vivo por graça de Deus, será um alívio. As cousas estão sempre a subir e a gente não aguenta (leia-se aguenta) esta vida assim...!

■ Aquela mulher doente que ajudamos na construção duma casinha pequenina, anda feliz — mau grado os seus padecimentos. Está no que é seu — com muito sacrifício. E não deixa de transmitir alegria espiritual, no meio da dor, ao próprio recoveiro dos Pobres.

— Tenho um porquinho na cave... Não é para autoconsumo, mas para vender na altura própria; e, assim, ter um dia para os encargos...

Aliás, na vida doméstica dos Pobres, no meio rural, o porquinho sempre teve esta ambivalência: autoconsumo ou aforro para dias maus.

Tempos houve em que uma família sem cortelha, sem hácoro, não estava completamente inserida no meio. Daí, como gostamos que esta mulher mantenha a tradição, seja luz nas trevas da sociedade de consumo — que Deus haja!

■ O homem não tem coragem de expor dificuldades... A esposa mete-se a caminho, debulhada! «Temos dias em que passamos tão mal, sem ter quê para pôr na mesa!» — aos filhos. O coração da mãe — que os gerou, que os deu à luz — sofre de maneira especial. Ela governa a vida doméstica: procura lenha no monte, acende o lume, cozinha, costura, lava a roupa — dá o peito aos filhos. É a dona da casa!

Pois logo a seguir ao casamento, sendo ele da construção civil, decidiram levantar uma moradia em regime de Autoconstrução. Entretanto, ohega a crise... Foram só até onde puderam, com a agravante dele ter muito dinheiro por lá, na mão doutros também em dificuldade — por obras executadas. O círculo vicioso das crises! E origem dos novos Pobres — como dizem os franceses.

(A propósito: como «lá e cá más fadas há», trinta anos depois, em França, o Abbé Pierre volta a ser notícia oportuna...!)

— S'ò menos dessem um'ajudinha prà gente cobrir a casa...! Vai pra lá o meu pai, também...

Já remediámos!

■ Somos tarimbeiros, mas não deixamos de ouvir (e aprender de) outros, que assentam trabalho e estudo em critérios científicos. Não há muito tempo que num areópago lisboeta — segundo lemos — em colóquio organizado com o patrocínio de instituições portuguesas dedicadas a problemas sociais, se chegou a esta conclusão: «É muito provável que a percentagem da população de Portugal a viver aquém da linha de pobreza não seja inferior a 30%. A incidência é mais forte no meio rural do que no urbano». O sacerdote continua: «Em Portugal, tirando algumas medidas pontuais ou os chamados planos conjunturais de emergência, o problema (a questão da pobreza em Portugal) não é assumido com a seriedade e a regularidade que merece. O problema é, de carácter estrutural, com muito de endémico, porquanto Portugal não é apenas um País pobre, mas um País de Pobres (...), o que exige a definição de políticas de luta contra a pobreza, quer de curto quer de médio e longo prazos». E remata: «Pre-tendíamos que (o colóquio) fosse um elemento despertador da consciência nacional e da responsabilidade dos diversos organismos e entidades que têm mais a ver com a matéria».

PARTILHA — Um vale de correio da Avenida da Liberdade — Lisboa: 500\$00. Cheque de Setúbal, repartido por três partes, uma das quais «para a Conferência ir fazendo milagres que nós vamos lendo n'O GAIATO». Fala

História adulta

Sem tempo nem lugar
Se conta esta história.
Era uma vez... — não!
Nunca!
É uma mulher
Igual a tantas outras
Que fazem número
Em nosso recenseamento.

Foi mimada,
Brincou às guerras,
Lidas e vistas
Em histórias coloridas...
Brincar com a História
É «brincar às guerras»!
E a outra?
A da arte!
Do património cultural!
Da luta incessante pelo trabalho,
Alimentação... descanso!?

Hoje,
Ela vive a sua história
Sentindo os homens,
A fraternidade humana!...
Tão longe do mundo,
E ele, à sua volta;
Tão longe de si,
Consigo.
E a verdade chega:
— Quantas vezes chorei?
Lágrimas vivas, de dor!
O mundo indiferente...
É o fim!

As flores murcham no Outono.
Sempre!

Morgado

com os olhos da alma porque sabe, perfeitamente, que nada de bem acontece sem a Mão de Deus.

A presença habitual de Baguim, Rio Tinto, «para pagamento da renda da casa da Viúva». E já que falamos em Viuvez — estado que nos merece muito respeito ou não tivéssemos sofrido os efeitos da Orfandade...! — temos aqui 1.500\$00 da viúva e cunhada de Germano, por sua alma; donativo entregue por boa Amiga do Porto, que nos visita assiduamente e deixou em nossas mãos mais um dis-creto sobrescrito com 1.000\$00. Porto: cheque duma «Anónima sem agradecimento» — da Rua António Carneiro — «para as constantes aflições» dos nossos Pobres.

Vem lá, agora, «com um grande abraço», o bom Amigo do Fundão cuja perseverança enalteçamos. Bem assim a «Assinante de Paço de Arcos» que tira, todos os meses, do seu vencimento oficial, uma percentagem para os Pobres da Conferência e manda-a, sempre, «com saudações fraternas». O Evangelho a cem por cento!...

Mais Lisboa:
«Mande! 5.000\$00 em vale de correio.

Há dois meses que falto com a minha costumada contribuição, mas a minha triste vida foi a única responsável, nunca a minha falta de boa vontade. Peço que a encaminhe para (a família do) Soldado da Paz em que vejo duas pessoas muito queridas vítimas do mesmo mal e que partiram para sempre. Fiquei um farrapo! E por falta de forças físicas e morais nem sempre cumpro aquilo a que me propus com toda a devoção. Mil desculpas pede a Assinante 31104.»

A linguagem das almas — tão diferente do comum!

Um cheque de Mem Martins sem «qualquer indicação para a sua aplicação», já que serve para «resgatar miséria de qualquer natureza...», aquele nosso Irmão carente da solidariedade de todos.

Uma Rosa, de Esposende, deixa 1.000\$00. O Assinante 18641, de Vila Nova de Gaia, idem. Os habituais dez rands de Umbido — Durban (África do Sul).

A Mensagem do Assinante 9790, de Oliveira do Douro:

« (...) Junto uma pequenina gota para a Conferência. Que a bênção de Deus desça sobre ela e prossiga sempre no seu caminho: enxugando lágrimas, amparando os corpos cansados, dando alento, em suma, a todos os que, de qualquer modo, sejam por ela encontrados em provação ou sem forças. Uma só palavra amiga pode salvar e, quem sabe?, ser de um valor infinito.»

Por fim, d'algures, sob anonimato, um vale de correio para vários sectores — sem esquecer a Cancerosa! — sublinhando: «Perdoem-me ser só uma migalhinha; mas é de todo o coração».

Não há, no Mundo, balança capaz de avaliar os gestos d'amor que saem do coração!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Cándida Isabel, com 10 meses, filha do Joaquim Oliveira e da Fernanda.



Sérgio Miguel, 4 anos, filho de José Manuel Caramelo e da Maria Deolinda. Ele foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, trabalha agora na Quinta do Anjo e vive no Montijo.



PARTILHANDO

Cont. da 1.ª pág.

vinhas cobre de muitas cores a secura e a aridez das encostas do Douro. Ali, onde o vinho é riqueza da terra e pobreza de tanta gente! E aí sentimos os efeitos do álcool em tantos filhos inocentes! Grande mal para o nosso País!

O Luís Filipe é filho desta terra onde a riqueza e a pobreza são uma contradição. Vamos dar-lhe outra terra e outra casa, aqui, se houver lugar — por via da contradição!

□ Mais um caso de correio — muito importante:

Numa carta, um dos nossos pequenos escreve a sua irmã: — **Olha, eu agora já não estou a roubar; eu agora já me estou a portar bem.** Os advérbios e verbos estão todos no presente! O passado — força misteriosa e inconsciente — marcou este presente. Lutas misteriosas, fra-

quezas, vícios, sonhos de imaginação, derrotas... dão força ao «agora já». Dantes, foi o roubo, foram as fugas! Agora, é a mensagem de esperança: — **Não estou a roubar.** Um sinal de vitória, de mudança! O roubo, em alguns dos nossos rapazes, é a expressão concreta duma lesão interior. Algo de essencial lhes faltou. Um vazio a preencher com amor... Em alguns deles é tarde, muito tarde que dizem este «agora já»...

Hoje não dizemos o nome. O anonimato, aqui, liga-se com a intimidade da alma, bem mais importante que a da simples correspondência. Só ele, nós e Deus seremos testemunhas de tudo isto: — **Já me estou a portar bem.**

□ Mais uma carta! Assim é porque o dia foi quase todo virado para o escritório! E que pena eu tive de não ir dar uma voltinha pelo campo!

Este sol de Outono é tentador, pelo brilho e calma com que se despede do Verão! Os campos ainda cobertos de milho, ou despídos dele e já guardado no silo para o pasto das nossas vaquinhas. As ramadas vindimadas, envolvendo os campos num manto a morrer de palidez, e as folhas a cair. O «Lourinho», nosso chefe-maioral, ainda mais me fez pensar ao dizer: — **Havia de ver, hoje, os nossos cavalinhos a correr pelo campo do lameirão!** Um dia bonito demais para ser passado dentro de quatro paredes em conversas, telefonemas, correios, reuniões e atendimento de casos de Pobres sempre a bater à nossa porta!

Mas vamos então à carta, dirigida ao nosso Bento que está a dar os primeiros passos no Seminário Menor de Bragança. Traz dois cartões muito bonitos que dizem:

«**Queres ser Padre? Deus te ajude e nos ajude a todos, pois bem precisamos de sacerdotes... Depois, quando já fores Padre, não esqueças que precisas também de ser alegre, compreensivo, e se ainda for possível pratica e faz praticar muita ginástica, aprende e ensina a cantar, mesmo não tendo grande voz. Canta e ri. É uma alegria conviver com religiosos alegres!**»

Aqui fica, e te enviamos, Bento, um testemunho de Alegria. Com muita Amizade...

□ Para terminar todo este correio de hoje, aí vai um instantâneo da nossa vida, raramente escutado por nós:

Acabávamos de almoçar. Avisei o «Canário» — nosso servente — que deveria apressar-se para ir às aulas da Telescola. O «Bombeiro», também servente no refeitório dos médios, ouve o aviso e remata:

— O «Canário» é sempre o mesmo!...

Responde o «Canário»: — Cala-te, se não levas uma bica...!

Penso que «bica» não queria dizer café mas biqueiro.

Responde o «Bombeiro»:

— Se achas que tens razão, dá; mas se achas que não, então não dês...

Isto tudo, bem conversado, a andar e a trabalhar, distraída e calmamente, sem se aperceberem de que estavam a ser ouvidos! Eis o à-vontade e a simplicidade!

A seguir fui tomar a bica ao nosso barzinho — uma oferta, de todos os dias, da Sotocal, para os nossos rapazes mais velhos. Bem mais saborosa e doce do que a oferta da «bica» que o «Canário» ofereceu ao seu companheiro!

Ofertas e trabalhos! O nosso pão-de-cada-dia!

Padre Moura

Ag'ora

Cont. da 1.ª pág.

De «**uma Leitora d'O GAIATO**», do Porto, quinze mil para auxiliar a Autoconstrução. De Luís António, de Águeda, um cheque, montante de juros para aplicarem na Autoconstrução. «**Samuel Usque enviou...**» duas vezes quinze mil. Mais vinte mil para a «**Casa louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo**». A habitual lembrança dos nossos amigos Funcionários da Caixa Têxtil. Vem da Covilhã o assinante 4456 — «**para ajuda de algum Autoconstrutor**». E, para uma telha, mil de Maria Etelvina. E «**mais um pedacinho, dez mil cruzelros, da sempre vossa Maria Clara**». Ferreira do

Alentejo, também na nossa procissão «**com uma telha para uma casa**». Presente, da Parede, a assinante 16393;

«**Tendo tido uma promoção quase inesperada, sinto-me no dever de ajudar os que tão pouco têm ou que tanto sofrem para angariar o necessário para construir a sua casinha**».

No Montepio Geral, M. Pereira com dez mil. Uma presença de Alhandra:

«**O dinheiro que envio é para a pessoa que mais precise de telha para a sua casinha**».

Também da Guarda, vinte mil — estrelas a brilharem! — «**para ajuda de algum Autoconstrutor mais aflito**». E a Maria Alice a rezar por nós — com telhas para uma casa. De Lisboa veio a Maria Teresa com algumas telhas e a recordar-nos todo o carinho que ela dedicou aos irmãos africanos, em Angola. Também uma médica, de Gaia, com quinze mil «**pela recuperação da saúde do assinante 17990**». Para ajuda de algum telhado, a assinante 20517. Conosco a Violeta com cinco mil para o Património dos Pobres. Anónimos, pelo Espelho da Moda.

De Lisboa, um velho Amigo presente nas procissões já com Pai Américo — agora com catorze mil. E mil, de Freixieiro, «**para cobrir a casa de alguém que precise dumas telhas**».

E que mais, Senhor?

Abençoa as presenças desta procissão que, desde que o Pai Américo lançou o grito «**a favor dos sem-casa**», não parou mais! Uma acaba, outra começa. Nunca alguém que precise, vai sem umas telhas quando vem por elas. Bendito seja Deus!

Padre Telmo

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Estamos em obras, num barracão centenário cujas estruturas sucumbiram ao peso dos anos. Era necessária uma remodelação parcial, deixando, ainda, parte das velhas paredes; o resto — tecto e tudo o mais — foi posto agora. Nele andaram pedreiros e carpinteiros, aqueles de fora e os outros de cá.

O barracão avança a olhos vistos e, brevemente, ficará concluído, deixando de ter o aspecto de abandono que os cem anos motivaram ao longo do tempo.

Mas há por aí ainda mais, tantos barracões precisados de remodelações! De alguns vem a mobília ter a nossa Casa; e o resto? Quem poderá acudir a estes barracões nascidos das cinzas de outros? A mobília que para cá vem, vai sendo a pouco e pouco remodelada no recreio, no trabalho, na escola e, depois, é também o descortinar do caminho futuro. Eis a mobília mais recente: irmãos Saraiva, da Covilhã; Zé Luís, dos lados de Tábua; Florêncio, da Figueira da Foz; António, de Cornacheo do Bonjardim; Alexandre, da Lamarosa — todos na Escola. Os irmãos Labroinho, da Figueira da Foz, usa na Escola e o outro a estudar no nosso Lar, em Coimbra; e ainda o Rafael, irmão de três irmãos que já cá estiveram, também na Escola. São muitos, e apenas alguns dos que deram entrada nos dois últimos meses.

Uns vêm, outros vão. É a vida que não pára e nós também não podemos parar!

ESCOLA — Os visitantes encontram agora, aqui, uma quietude e silêncio que, desconhecendo-nos, tomariam a casa por deserta. O mesmo não pensariam eles, se soubessem que nas nossas Escolas estão mais de meia centena de rapazes prontos a fazer explodir essa calma com os seus gritos e expansões de liberdade. É vê-los na hora do recreio...!

Das oficinas chega-nos o som das

máquinas a funcionar e nelas estão mais duma dezena deles a trabalhar o ferro ou a madeira. Na cozinha, o saboroso cheiro da comida e a azáfama dos cozinheiros. Nos currais, um a tratar dos animais. É tudo Escola, todos aprendem!

Já com o ano lectivo começado, principia a Catequese. Seis grupos e seis catequistas; o sexto grupo e catequista são à parte, quando houver tempo. Há sempre tempo para a descoberta; não falta tempo para aprender; com tudo se aprende, mesmo os erros, pequenas quedas do dia-a-dia servem para aprendermos a não cair nelas ou noutras e, assim, sucessivamente, até à morte. A vida é uma grande Escola! Cada um tome o seu lugar na sua carteira e tenha atenção...

VISITAS — Estamos no Outono. O frio já se faz sentir e quase todos retomaram as suas actividades. As visitas a nossa Casa perderam a frequência dos dias de férias. No entanto, veio cá um grupo escolar do Senhor da Serra, nossos vizinhos que ainda não nos conheciam por dentro. Eram cerca de 50 crianças e duas professoras. Andaram, por cá, com espírito curioso. Tudo queriam saber e apontar; decerto a sua tarefa era fazerem um relato do que viram e ouviram. As nossas oficinas estavam paradas porque a malta fora trabalhar noutros lados que exigiam maior urgência. As máquinas, da mais pequena à maior, eram miradas e remiradas. Não puderam vê-las em funcionamento, mas explicámos a sua utilidade. Os animais, à parte um certo receio inicial, foram os mais mimados. No fim, os visitantes partiram com cadernos cheios e olhos curiosos — que nada os pôde satisfazer completamente...!

Gostámos que tivessem vindo, embora fosse numa das horas mortas da nossa quinta. Eles também gostaram da visita — como disseram — e nós acreditamos que sim. Venham sempre!

Chiquito-Zé

Associação dos Antigos Gaiatos de Miranda do Corvo

A comissão promotora da nossa Associação, eleita em Miranda do Corvo, em Setembro último, e de que fazem parte, na Figueira da Foz, o José Crisanto e o João Martelo; em Coimbra, o Manuel Machado e o José Martins de Carvalho; e, em Miranda do Corvo, o Manuel Estevão e eu, voltou a reunir-se no dia 13 de Outubro, desta vez no nosso Lar de Coimbra, para dar continuidade a quanto havia ficado assente na reunião de Miranda do Corvo e da qual já demos notícia.

Voltamos hoje a badalar, para que se não desvaneça o nosso entusiasmo inicial, já que o tempo também urge.

Desta vez, e, sem perda de tempo, resolvemos marcar um primeiro Encontro geral para Miranda do Corvo no dia 6 de Janeiro de 1985, véspera do 45.º aniversário da fundação desta nossa Casa do Gaiato.

A Comissão vai procurar contactar o maior número possível de antigos Gaiatos. Entretanto, através do «Famoso» e, a partir de hoje, faremos o anúncio deste Encontro, para que, os que o lerem, passem a palavra a outros.

Nesse Encontro poderás ficar a saber tudo acerca da Associação: seu fundamento e objectivos; iniciativas e possíveis realizações com vista às comemorações do Centenário do nascimento de Pai Américo.

Tu, antigo Gaiato de Miranda do Corvo, prepara-te para não faltares aqui, no dia 6 de Janeiro de 1985.

Carlos Manuel Trindade

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

Paz e o Premiado no meio de todos, de braços abertos para o Alto, em oração gritada ao Deus-Todo-Poderoso, Deus de Paz e de Justiça, que fará Justiça a todos os oprimidos e a todos os opressores — aquele gesto e aquela oração encheram-nos a alma e animaram-nos a continuar a rezar e a amar mais os oprimidos.

Padre Horácio

A procissão continua em maré alta! E o correio, de todos os dias, é um Vulcão d'almas abrasadas no Fogo que perdura e crepita — porque eterno!

Logo à frente um grupo de 210 novos Leitores de Perafita (Matosinhos), que os nossos Padres — os Padres da Rua — motivaram em celebrações eucarísticas naquela paróquia. Em idêntica acção, mais algumas dezenas da região setubalense. Depois, um Amigo da Maia, braço-dado a quinze maiatos — tão felizes!

Não é possível revelar — em toda a linha — quanto a gente vê e ouve e sente no decorrer da procissão, onde não se sobrepõe o acessório ao principal!

Odivelas:

«... São mais assinaturas novas do «Famoso»! A primeira

Novos Assinantes de «O GAIATO»

para o meu netinho, de sete anos, que já sabe ler. Ainda não é baptizado; mas, lembra Pai Américo, nem um só cabelo dos nossos se perde... e os caminhos do Senhor nós não os conhecemos. Vigiar e orar.

Mais três..., a cujos pretendentes anunciarei que poderão mandar 1.000\$00 por cabeça — pelos quais sou fiador... Seria útil enviar-lhes os dois ou três últimos números d'O GAIATO (se houver sobras) ou, não podendo ser, o primeiro a sair.

Temos estado a ler — enquanto minha mulher e minha cunhada bordam — os livros de Pai Américo: Pão dos Pobres e Viagens. Muitas vezes me falta a voz; e, a elas, a vista para os

trabalhos...! Acho que nunca li nada mais vivo, simples, colorido e directo — e já levo muitos anos vividos e milhares de livros lidos! Pai Américo viveu e pregou com a vida o Evangelho — com a humildade, a coragem e o ardor dum Apóstolo.»

Portimão:

«Foi com grande alegria que, numa das Missas em Portimão, tive a oportunidade de ouvir um Padre da Rua que, depois, me enviou O GAIATO. Já o lia em Angola com muito gosto, pois tem sempre algo que nos dá força e humildade. Espero mandar, em breve, algumas assinaturas novas para o vosso jornal.

Também gostaria de receber os livros PÃO DOS POBRES. Não sei quanto terei de enviar, pois deixei de beber as minhas bicas... para O GAIATO.»

Coimbra:

«Com humildade, e uma certa alegria interior, anuncio mais quatro corações interessados pelo O GAIATO...»

Santarém:

«Desde há muito tempo que

leio O GAIATO. Primeiro, adquirido à porta da igreja; ultimamente, emprestado por uma das minhas irmãs. Tem sido grande a tentação; mas, hoje, decidi-me: em vez de comprar uma revista que em nada me ajuda, quero ser assinante d'O GAIATO e peço para vir em nome do meu neto, para quando eu partir lhe deixar esta herança que não se mede nem conta — é do Céu.»

E como o número de Leitores do «Famoso» está sujeito à lei da vida..., sublinhamos esta presença — do Porto:

«Não mandem mais O GAIATO para a senhora..., porque faleceu. Mas, para que não percamos uma assinante, arranjar outra... Beijinhos aos «Batatinhas».»

Mais outro da região de Mem Martins — com muita graça: «Acabo de receber o vosso postal-aviso e já tinha o cheque preenchido. Parece que os pensamentos se cruzaram!

A única desculpa que posso apresentar: continuo a ser um velho membro do clube dos

«Procrastinadores». Vou adiantando, adiantando, até que acabo por perder a noção do tempo e é isto...! Não estranhem se no futuro — que afinal está nas Mãos de Deus — vier a acontecer o mesmo. «O que o berço deu a tumba o leva» — filosofia do povo, de experiência feita. Junto o cheque... e o restante é para uma nova assinatura do «Famoso»...»

Agora, que o espaço não dá para mais, o grosso da coluna, com Lisboa e Porto à cabeça numa longa fila; e, depois, Santo Tirso, Pedroso (V. N. Gaia), Caldas da Rainha, Coimbra, Almada, Setúbal, Odivelas, Queluz, Amadora, Leça da Palmeira, Vila Nova de Gaia, Vieira do Minho, Bucelas, Santarém, Canelas e Perosinho (V. N. Gaia), Matosinhos, Faro, Vila Nova de Famalicão, Funchal, Vendas Novas, Alverca do Ribatejo, Sabugo, Leiria, Alfaiate, Lousada, Irivo (Penafiel), S. Paio de Oleiros, Rinchoa, Cacém, Vouzela, Sabrosa, Praia da Rocha, Termas de S. Vicente, Montijo, Torres Novas e Fiães (Feira); Courlay e Maisons Laffitte (França).

Júlio Mendes

Aprendizagem

A Aprendizagem, conforme a define o Decreto-Lei n.º 102/84, é «um processo formativo que tem por finalidade assegurar o desenvolvimento da capacidade e a aquisição de conhecimentos necessários para o exercício de uma profissão qualificada, podendo conferir um grau de equivalência escolar».

Trata-se de «uma via complementar e alternativa» que «se institucionaliza com o objectivo fundamental de assegurar a transição dos jovens do sistema de ensino para o mundo do trabalho, no respeito pela sua vocação e capacidade».

Duas acções paralelas integram o regime de Aprendizagem:

- uma formação específica de carácter técnico-profissional;
- uma formação geral que garantirá ao aprendiz a necessária preparação cultural e científica.

A novidade que o regime oferece consiste: no reconhecimento das empresas como «espaço privilegiado» de formação técnico-profissional, em razão dos «profissionais qualificados que nela exercem a sua actividade e na circunstância da aprendizagem ser feita directamente no local de trabalho; e na valorização do «perfil profissional» do aprendiz sobre o seu «perfil escolar». Nisto fundamentalmente se distingue este regime do ensino técnico-profissional ministrado em Escolas Técnicas Secundárias.

Outra importante característica pretendida por este regime é a sua flexibilidade, que «permita a sua adaptação às necessidades e exigências de cada profissão ou grupo de profissões». Assim, embora a formação específica se prefira realizada em empresas dotadas de meios humanos e técnicos indispensáveis à garantia de qualidade da aprendizagem (até mesmo pequenas e médias empresas que possuam tais meios), é prevista a possibilidade de tais acções se efectuarem em centros de formação profissional, quer inter-empresas, quer centros protocolares, desde que reconhecidos pelo Instituto de

Emprego e Formação Profissional.

Também a formação geral que, por regra, é ministrada em estabelecimentos oficiais ou particulares de ensino, se aceita realizada em estabelecimento adequado da empresa ou outra entidade, designadamente centros de formação profissional reconhecidos pelo referido Instituto.

A Aprendizagem é aberta a jovens entre os 14 e os 24 anos com a escolaridade obrigatória cumprida. Porém, sendo numerosos os que todos os anos deixam o sistema de ensino sem ter concluído o ciclo preparatório e «com o intuito de evitar a sua marginalização, estabelece-se a possibilidade de criação de cursos de Pré-Aprendizagem que conferirão equivalência à escolaridade obrigatória».

Eis um aspecto importante que diz da vontade de se evitar a rigidez tão comum no mundo das leis e vai ao encontro da realidade de uma grande faixa da nossa juventude que, muitas vezes sem culpa própria, se acha nesta situação. Quanto temos sofrido este problema em relação a muitos dos nossos Rapazes que, vindos de estratos sócio-económicos e culturais muito baixos, se vêem em beco sem saída por falta de estruturas que os assumam e os preparem para uma vida independente!

Por isso mesmo que o sofremos na pele e se fala no preâmbulo do Decreto-Lei na necessidade de promover a divulgação deste novo regime, bem como «a criação de portarias regulamentadoras com as normas por que se regerão especificamente os processos de aprendizagem para cada profissão ou grupo de profissões», nós aqui estamos intentando colaborar nessa divulgação e apelando pelas ditas portarias, para que «a implementação dos cursos e a sua progressiva extensão a diversas profissões» não fique letra morta, mas seja um caminho de esperança para milhares de jovens a braços com o desemprego.

Padre Carlos

Cantinho das Senhoras

«Mestre, trabalhámos toda a noite sem apanharmos nada! Mas à Tua palavra lançarei as redes. Lançarei as redes...» (Luc. 5)

Foram muitos os textos bíblicos e não só, em que o conferente do nosso Retiro se apoiou para nossa reflexão, durante cinco dias, em Fátima, sobre a exigência e necessidade das virtudes humanas e cristãs, na nossa vida, nas nossas Casas. Por todas nós passamos momentos em que sentimos o desânimo, a incompreensão, o cansaço, o insucesso, a derrota...

Estas palavras de Pedro a Jesus são bem as palavras dos homens do nosso tempo.

— Trabalhar para quê? Ninguém nos vê, nos ouve, nos liga... Não reparam naquilo que faço...

E assim vamos ficando desarmados pelo desânimo!

As palavras de Pedro são as palavras de um homem cansado, durvidoso, que tinha experiência. Ele conhecia o mar tão bem... Não tinha apanhado nada e Jesus mandava-o novamente depois de uma noite de trabalho infrutífero: — Pedro val...

A obediência, a humildade, a perseverança, a confiança, o reconhecimento.

Jesus manda... «lançar de novo as redes...» Quando? Todos os dias. Onde? Na família, no trabalho, nos estudos, no apostolado.

— Não vêm o esforço que faço?

— Porque sinto o fracasso? Estou cansada? Derrotada?

— Não foi Jesus o maior derrotado dos homens?

Desistir porque não há sucesso? Qual foi o sucesso de Jesus? A Morte numa cruz diante de todos. Ele que tinha feito tantos milagres...!

«Ninguém se engane a si mesmo; se algum entre vós se

julga sábio, segundo este mundo, faça-se louco para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus.»

Fugir do desânimo — o maior inimigo que se pode instalar numa vida!

Muitas vezes saímos derrotadas logo à partida porque olhamos para as fraquezas de experiências anteriores. Todos nós gostamos que a nossa Obra brilhe...

«O Pai conhece tudo aquilo que fazeis, tudo o que sois, as vossas intenções. Ele ama-vos a cada uma como a única na Obra. Ele conhece-vos a cada uma pelo vosso nome. Está convosco, todos os dias, nos trabalhos simples que fazeis, lá no vosso cantinho; na dedicação que dais aos nossos Rapazes, que só Ele conhece verdadeiramente, profundamente. Só Ele sabe bem como é.»

Palavras do nosso Padre Telmo, que sempre tem sido carinhoso com as Senhoras da Obra da Rua.

«Perseverança reflectida... Começar é de todos; perseverar é de santos. Que a tua perseverança não seja consequência cega do primeiro impulso, fruto da inércia; que seja uma perseverança reflectida (de O Caminho).

Não ficar caída e perseverar

o ideal nascido na primeira hora.

Que a alegria e a beleza perfeita da hora em que dissemos sim ilumine todas as horas que não nos pareçam tão belas... Em todos os ideais, em todas as vidas! «Não queiras ser como aquele catavento dourado do grande edifício; por muito que brilhe e por mais alto que esteja, não conta para a solidez da Obra.»

Oxalá sejas como um velho silhar oculto nos alicerces, debaixo da terra, onde ninguém te veja; por ti não desabarà a casa» (de O Caminho).

A humildade...

Nossa Senhora foi modelo invocado no nosso Retiro, como Mãe, Mulher, Conselheira, Companheira e Mestre nos nossos caminhos. Deu-nos o exemplo de vida apagada em Nazaré.

A norma é esta: «Pega na tua cruz todos os dias e segue-Me».

Vem connosco, vem caminhar, Santa Maria vem!

Ao longo da tua vida nunca estás sózinha... Contigo pelo caminho, Nossa Senhora vai. Se parece a teus olhos inútil caminhar, tu vais abrindo caminho que outras andarão. Nossa Senhora vem!

Isaura (de Setúbal)



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Outubro: 53.710 exemplares.